

HOMO SOCIOLOGICUS: ENSAIO SÔBRE A HISTÓRIA, O SIGNIFICADO E A CRÍTICA DA CATEGORIA DE PAPEL SOCIAL. POR RALF DAHRENDORF. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1969, 115 páginas, NCr\$ 9,00.

Há poucos sociólogos que conseguem combinar clareza, precisão e elegância quando escrevem. RALF DAHRENDORF consegue. E isto é importante porque serve para destruir o mito do *estilo sociológico alemão*, alimentado pelas más traduções e por homens como TALCOTT PARSONS, segundo o qual todo alemão, para ser sociólogo, precisa escrever em um estilo obscuro, impreciso e deselegante.

Há poucos, muito poucos sociólogos contemporâneos que conseguem escrever sôbre problemas centrais da disciplina e adicionar algum conhecimento nôvo. O que se tem escrito sôbre o conceito de papel social ilustra bem tal proposição.

*Papel social* não só é o conceito central da sociologia. É, também, algo sôbre o qual todo sociólogo escreve ou pretende escrever. E por isso mesmo, a literatura sôbre o conceito é enorme e, em muitos casos, inútil. O trabalho de DAHRENDORF não se encontra nesta última categoria.

*Homo Sociologicus* pode ser colocado ao lado dos outros dois textos clássicos sôbre o conceito de papel social: o de LINTON, por ser pioneiro e o de GRON por ser a discussão mais completa e sistemática sôbre o assunto.

Creio que o ensaio de DAHRENDORF ficará na história da sociologia por aquilo que possui de mistificador. Quero sugerir aqui um paradoxo muito comum na sociologia (e talvez nas outras ciências) cuja formulação escrita desconheço. A grandeza de um trabalho científico genial pode residir naquilo que êle possui de errado. E, muitas vêzes, o êrro persiste, ainda que tôdas as provas empíricas demonstrem o contrário. HEGEL é tão — ou mais — conhecido pelos seus erros idealistas como pelas suas verdades metodológicas. E nem todo HEGEL possui seu MANN, na sociologia.

No *Homo Sociologicus*, DAHRENDORF comete a falácia hegeliana. Não pretendo, entretanto, ser o MANN de DAHRENDORF. É necessário, entretanto, que se entenda a mistificação de *homo sociologicus*. Para

seu autor, existe o indivíduo e a sociedade. O *homo sociologicus* surge como mediador entre êsses dois fenômenos, ou seja, nas próprias palavras do autor “no ponto de intersecção entre indivíduo e sociedade encontra-se o *homo sociologicus*, o homem enquanto portador de papéis sociais preformados. O indivíduo é constituído pelos seus papéis sociais, mas êstes são por sua vez o fato *irritante* da sociedade” (p. 41 e 42). Na medida em que DAHRENDORF define o indivíduo como uma combinação de papéis, êle evita a falácia. Mas, DAHRENDORF fica *irritado* por esta definição. E aqui surge todo o seu idealismo. Vejam: “Por trás de todos os papéis, pessoas e máscaras, permanece o ator como algo específico, não afetado por êstes. Não são essenciais a êle. Sòmente quando dêles se desvincula, o ator se torna êle mesmo” (p. 44).

Para DAHRENDORF, portanto, existe um ser essencial, denominado indivíduo, que é o verdadeiro objeto de sociologia. Como, entretanto, êsse indivíduo é sempre portador de papéis e êstes não são essenciais ao indivíduo e como indivíduo não se manifesta independentemente dos papéis que possui, a única forma de se estudar o ser essencial (indivíduo) é através de uns atributos não essenciais (papéis). Os papéis sociais do indivíduo passam, assim, a ser um obstáculo ao conhecimento do ser essencial e, conseqüentemente, são *irritantes*.

Suponhamos, entretanto, que o verdadeiro objeto da sociologia não seja o indivíduo (ser essencial) despido de seus papéis mas que seja, isto sim, o ator que desempenha papéis. A existência ou não de um ser essencial seria, neste caso, irrelevante para a sociologia. Para o sociólogo, o indivíduo seria o ator em ação. Neste caso, nada haveria de *irritante* pois o paradoxo proposto por DAHRENDORF estaria resolvido.

E creio que bem resolvido.

Afinal de contas, nunca é demais repetir para aquêles que, como DAHRENDORF, acreditam no *ser essencial*, a sociologia não pretende solucionar o *mistério humano* desvendando o *ser essencial*. Ela pretende apenas, como qualquer outra ciência, compreender uma parte do mundo empírico — no caso, o homem enquanto ser existencial, ou seja, o ator de papéis.

Entretanto, apesar disso ou talvez por isso mesmo, o ensaio de DAHRENDORF é capaz de ficar em pé por si só, dispensando especial-

mente a introdução de VAMIRCH CHACON que não é válida, nem lúcida e por que não dizer não se insere no contexto.

MANOEL TOSTA BERLINCK

FOLLOWERS OF THE NEW FAITH: CULTURE CHANGE AND THE RISE OF PROTESTANTISME IN BRAZIL AND CHILE. Por EMILIO WILLEMS. Nashville, Tennessee, Vanderbilt University Press, 1967, X+290 páginas, US\$ 7.50.

Os estudos sôbre religiões são importantes na medida em que ajudam a compreender a estrutura e os processos das sociedades onde tais religiões são encontradas.

Os estudos das religiões, no Brasil, podem ser classificados em três categorias principais:

Em primeiro lugar, há estudos orientados pelo caráter exótico dessas religiões. Em geral, são estudos de religiões afro-brasileiras e se preocupam com descrever essas religiões comparando-as, algumas vêzes, com as africanas. Os estudos de NINA RODRIGUES e ARTUR RIBEIRO encontram-se nesta categoria.

Em segundo lugar, há estudos realizados por membros das religiões que se caracterizam por serem proselitistas, ou por se preocuparem em refutar tais religiões.

Finalmente, há uns poucos estudos realizados por cientistas sociais que se preocupam com estabelecer relações entre o fenômeno estudado e a sociedade mais ampla. O trabalho de WILLEMS está nesta última categoria.

WILLEMS procura demonstrar que os movimentos protestantes no Brasil e no Chile emergiram e se desenvolveram na medida em que as estruturas agrárias tradicionais desses países entraram em decadência, e processos de urbanização e industrialização adquiriram momento.

Esta tese é corroborada na medida em que WILLEMS demonstra que as maiores populações protestantes concentram-se nas áreas mais urbanizadas e industrializadas do Brasil e do Chile e que os membros